

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

Rosemary Trabold Nicácio

Faculdades Integradas de Ourinhos
rosenicacio@fio.edu.br

Resumo

Neste artigo apresento o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões. Trata-se de pesquisa documental realizada num curso a distância oferecido para formação de profissionais da educação pública estadual paulista. Nesta foram coletados os materiais produzidos para o curso e as narrativas dos cursistas nos fóruns de discussão. A metodologia utilizada foi a cartografia guiada pelo Mapa de Mediações de Martín-Barbero (2004;2009) cujas análises foram feitas pelas mediações da socialidade, institucionalidade, ritualidade e tecnicidade. Além deste autor, os referenciais teóricos que permearam as análises apoiaram-se em Bakhtin (2002;2003), Bourdieu (2001;2004) e Lévy (2011). Ao final do presente artigo faço minhas considerações acerca da experiência com a pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Cartografia; Pesquisa qualitativa; Mediações; Narrativas

Abstract

In this article I present the methodological path which has supported my doctorate dissertation within qualitative research. My objective is to socialize initial difficulties this type of investigation can bring to new researchers and make some reflections, as well. It is a documental research carried out in a teachers' training distance course for São Paulo state public schools. Materials produced for the course and the learners' narratives in discussion groups were used. The methodology used was cartography guided by Martín-Barbero (2009) Mediation Map whose analyses were done on sociality, institutionalism, rituality and technicality. Moreover, theoretical foundations which permeate analyses were supported in Bakhtin (2002; 2003), Bourdieu (2001; 2004) and Lévy (2011). At the of the article I have my closing remarks about my experience with qualitative research

Keywords: Cartography; Qualitative research; Mediation; Narratives

Introdução

A pesquisa acadêmica é uma escolha, nem sempre consciente, de todos aqueles que se aventuram nos programas de iniciação científica, graduação ou pós-graduação – *lato sensu* ou *stricto sensu* – e, para muitos, é a primeira aproximação com o pensamento científico.

Todos temos nossas inquietações e curiosidade pelo que nos cerca, esse pensamento racional é visto como o princípio do método científico, todavia o que parece tão simples representa a transformação no modo de pensar sobre um objeto de conhecimento ou fenômeno.

Neste breve artigo apresento o percurso que realizei, e ainda estou construindo, acerca do pensamento científico, em especial, a aproximação à pesquisa qualitativa.

A primeira experiência com pesquisa, que tive, foi no mestrado em Educação pois, no tempo da graduação não haviam trabalhos de conclusão e a pesquisa era oferecida para alguns.

O maior desafio, a meu ver, naquele momento, parecia ser pesquisar e escrever sobre algo e, como Descartes (1999, p.13) “eu tinha sempre um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro em minhas ações, e caminhar com segurança nesta vida”. Esse pensamento já estava nas crenças acerca de pesquisa que fui incorporando ao longo de toda vida escolar e acadêmica. Os caminhos de pesquisa apresentados começavam com a leitura da obra de Descartes “O discurso do método”(1999), ou seja, construí meus conhecimentos a partir da convicção de que era necessário apoiar-me na razão questionando os argumentos que, muitas vezes, me haviam sido impostos por força de autoridade, enfim, aprendi a lógica da Escolástica e sua crítica.

Assim, o universo da pesquisa acadêmica foi construído sobre a certeza de que todo objeto só pode ser conhecido cientificamente, dentro de uma lógica racional e de percursos pré-determinados e mensuráveis para que, desta forma, possam ser validados, por seguirem rigoroso percurso de investigação e análise. O conhecimento verdadeiro visto dessa maneira é, assim, puramente intelectual, desconsiderando-se a imaginação, a memória e a própria linguagem.

A epistemologia, nesta perspectiva, centra-se num dado campo de conhecimentos em que certos tipos de objetos só podem ser analisados em determinadas circunstâncias e segundo determinados métodos ou, de outra forma, não há ciência confiável.

Para Boaventura Souza Santos (2010, p.19) “ o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis.” Esta dicotomia maniqueísta ainda está presente no pensamento científico, em pleno Século XXI.

A epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido traduziu-se num vasto aparato institucional - universidades, centros de pesquisa, sistema de peritos, pareceres técnicos - e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes. (SANTOS, 2010, p. 8)

A separação entre o que poderia ser, ou não, validado cientificamente trouxe uma limitação para a análise de objetos de conhecimento que não podiam ser vistos por meio de relações quantitativas unicamente, assim, foi necessário lançar mão da subjetividade, da

interpretação, para que determinados fenômenos pudessem ser vistos e melhor compreendidos.

Minayo (2017, p.2) diferencia a pesquisa quantitativa da qualitativa ao citar, a perspectiva de Kant (1980)

Quantidade e qualidade se sintetizam no objeto. [...] a pesquisa qualitativa, usando-se a linguagem de Kant, busca a “intensidade do fenômeno”, ou seja, trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas.

As pesquisas, quantitativa e qualitativa, são de naturezas diferentes, portanto, destinam-se a análise de aspectos diferentes do mesmo objeto. Para Serapioni (2000)

A pergunta fundamental sobre um método, [...], não é se, e quanto, ele é verdadeiro, mas se, e quanto, ele é *útil para arar o terreno empírico que temos em frente*. Em outras palavras, nosso juízo sobre o valor do método deve ser relacionado à sua fertilidade para nos aproximar da realidade estudada. (SERAPIONI, 2000, p.189)

Isto porque as pesquisas nascem sempre das inquietações, do inconformismo acerca do óbvio ou da curiosidade, no desejo de ir além do próprio horizonte. Essas inquietações nos conduzem por caminhos, por vezes desconhecidos, mas que, pouco a pouco, começam a dar corpo, sentido à investigação.

Investigar pressupõe interrogar a algo ou a alguém aquilo que se deseja saber, o “germe da interrogação está no desconforto sentido” e este nos impele a seguir por um caminho, de início, incerto, mas profícuo para “visualizar os desdobramentos possíveis que os significados atribuídos” às questões trazem para a “postura investigativa”. (BICUDO, 2005, p.8)

Toda investigação acontece num caminho que é estabelecido pelo pesquisador, todavia, este sofre a influência do objeto e essa relação pode começar distorcida, aparentemente, sem sentido. E foi busca pelo sentido que precisei romper com determinações que não respondiam às minhas inquietações diante da pesquisa e como pesquisadora. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, a investigação que me propus a realizar por ocasião do meu doutoramento em Educação, começou a fazer sentido.

Romper com formas arraigadas de pensamento só foi possível por meio dos estudos realizados e, estes, representaram uma aventura a um universo totalmente desconhecido e, inicialmente, ilógico.

Para Piетtre (2005, p.27)

A verdade de uma teoria científica (nas ciências humanas, assim como nas exatas) repousa no fato de que ela faz sentido ou traz coisas ao sentido, por revelar

um aspecto do mundo, da natureza, da história, da sociedade ou da experiência humana etc....do mesmo modo que fazem sentido a literatura, os textos filosóficos ou religiosos e a obra de arte.

O sentido precisa ser desvelado, construído para que se possa interpretar o que está diante de nós num processo investigativo. Precisei percorrer diferentes campos de conhecimento, como o da arte, da comunicação e da linguagem para romper com o paradigma de pesquisa científica que havia construído até então, assim encontrei sentido na pesquisa qualitativa. A imersão em obras como a de Didi-Huberman (2013), Bakhtin (2003), Martín-Barbero (2004;2009) entre outros, ampliou a visão do objeto da investigação proposta e acabei por conhecer a cartografia.

1.1 A Cartografia como percurso metodológico

Toda pesquisa nasce de um problema, contudo, a clareza do que se está a investigar e a problematizar não é sempre tão simples de se definir *a priori*.

Como servidora pública estadual paulista, especificamente, Supervisora de Ensino, observava que desde a década de 80 do século XX a formação dos profissionais da educação pública apoiava-se cada vez mais em cursos realizados a distância pela escola de governo, incomodava-me a elevada taxa de evasão e o quanto os recursos públicos estavam sendo desperdiçados. Havia questões de políticas públicas, questões éticas na educação, mas precisava definir com mais precisão o aspecto que realmente me incomodava. Reconheci que a formação por meio da tecnologia representava um caminho sem volta, então passei a questionar se, de fato, havia alguma aprendizagem ou formação, naquele modelo.

As relações propostas quanto a quem ensina e a quem se destinava a aprendizagem, os materiais e base teórica, as ideologias e as possíveis áreas de intervenção dos servidores na sua prática profissional foram surgindo como elementos constitutivos dessa pesquisa. E, como se tratava de uma multiplicidade de dimensões era necessária uma investigação que se apoiasse muito mais no sentido e na intensidade que na sua magnitude. Uma investigação que demonstra uma dimensão ampla e múltipla traria contribuições significativas para a compreensão do real sentido dessa formação que se tem oferecido dentro da escola de governo de São Paulo. Concluí que só poderia construir um caminho de investigação por meio de análise qualitativa.

É importante ressaltar que as questões iniciais não eram claras, foi necessário levantar muitas informações e, inclusive, apoiar-me em dados quantitativos que possibilitaram conhecer

o que se repetia e tornava homogêneo para, então, iniciar um caminho que, aos poucos, tornariam mais claras as angústias e inquietações.

Esse é um exercício crucial ao investigador. Colocar em evidência sua interrogação e atento e de modo lúcido buscar pelo que pergunta - pelo que quer saber, pelo que interroga - é um movimento que o auxilia a antever o caminho a ser trilhado na investigação. Ou seja, a visualizar os procedimentos apropriados à característica do quê pelo que indaga e de suas modalidades de contextualização e de exposição cultural. [...] Esse processo de busca, que clama por rigor, uma vez que científica, expõe clarezas que desvelam, descobrem, aspectos até então obscuros da realidade construída nas relações mundanas. Subjacente a essa idéia encontra-se a concepção de verdade como evidência e como manifestação. (BICUDO, 2005, p.9)

Nessa perspectiva tornou-se imperativo conhecer a pesquisa qualitativa, pois ao definir o objeto e delinear o quê se desejava saber, os procedimentos foram ficando mais claros.

O universo escolhido para a investigação foi um curso realizado a distância para Supervisores de Ensino, ao longo de um ano e, neste, seria possível analisar os materiais e sua ideologia, bem como as narrativas que foram registradas pelos cursistas nos fóruns de discussão por meio das quais seria possível conhecer suas percepções acerca dessa formação em serviço. Foram analisados, nesses documentos, as narrativas produzidas por 25 (vinte e cinco) cursistas nos fóruns de discussão, num total de 1127 (mil cento e vinte e sete) interlocuções que se espalharam por 4 (quatro) módulos ao longo de 40 (quarenta) semanas de curso, bem como todo material didático produzido para os estudos desses sujeitos.

Diante desse mar de informações e documentos, sentia-me como um cego que tinha no entorno tudo que precisava, mas que pela própria condição teria que descobrir cada coisa apalpando e construindo uma imagem mental, na verdade essa metáfora representa a angustia de quem se vê diante do objeto de conhecimento e precisa dar-lhe sentido dentro do contexto e das condições de sua existência sem separá-lo daquilo que lhe concede ser o que é, a ideia de pensar sujeito e objeto integralmente era assustadora.

Dessa forma, a cartografia foi escolhida como princípio metodológico, uma vez que ficou definido, nessa investigação, delimitar um percurso de relações que aconteciam, por meio da linguagem em ambiente virtual de aprendizagem, entre os cursistas e os materiais de estudo. Compreender o que acontecia do início do curso ao seu final, acompanhando todo um percurso em que tempo e espaço apresentaram-se de forma não linear e assíncrono, representava um desafio somente possível se apoiado em uma base teórica no campo da comunicação, pois todo

percurso foi marcado pela linguagem e sua expressão nas diferentes marcas deixadas pelo caminho.

Ao conhecer esse caminho e a linguagem ali registrada percebi que, como explica Silva (1995, p.32),

A própria linguagem se configura como um lugar, não só pela sua capacidade de produzir lugares, mas pela capacidade de acolher lugares no seu edifício, de acolher uma multiplicidade de espaços que se cruzam numa infinidade de soluções narrativas (SILVA, 1995, p.32).

As narrativas registradas nos fóruns de discussão possibilitaram conhecer as relações desses cursistas entre si e com os materiais propostos, mas em tempos e espaços diversos, eram relações virtuais.

Para Lévy (2011, p.15) “Virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência.”, assim, as relações eram potenciais e se concretizavam por meio do diálogo, da interlocução viva.

E nesse caminho virtual tornou-se necessário apreender o que emergia na travessia, pois compreendia-se que no percurso todos eram tocados por novas ideias que se entrelaçam às experiências vividas e, aquilo que ali existia em potencialidade, tornava-se, atualizava-se.

Assim, entende-se atualização como “a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades [...] uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias [...]”(LÉVY, 2011, p.17).

A criação seria o momento da aprendizagem ou da apreensão de algo que se desejava levar a conhecer. E seria exatamente o que essa pesquisa iria trazer à luz, ou seja, o que o Estado oferecia aos educadores nos cursos de formação e quais seriam seus reais objetivos, além disso, como os cursistas expressariam tais conhecimentos.

E assim, ao decidir pela cartografia aproximei-me dos estudos de Martín-Barbero (2004) e seu conceito de mapas noturnos ou mapa das mediações. Para esse autor, as relações sempre são mediadas pela cultura, pela comunicação e pela política, mas, para realmente enxergarmos essas relações era preciso olhar “pelo outro lado”, ou seja, o da recepção. Assim, caminhamos pelas margens, “dos meios às mediações”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.18)

Isso posto, tornou-se claro que a investigação deveria explorar as zonas dessa realidade conhecendo as mediações e não o centro, como estava pensando inicialmente.

Martín-Barbero ao deslocar-se dos meios às mediações, definiu em seu mapa, que a realidade deveria não só conhecer, mas reconhecer a cultura a partir de um deslocamento metodológico, ou seja, enxergar nos espaços aparentemente vazios, invisíveis aos estudos realizados até então, para perceber esse “outro lado”, a recepção daqueles que interagem com os objetos culturais, reconhecendo, dessa maneira, “as resistências que aí têm lugar” e as apropriações “a partir de seus usos”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.29)

Martín-Barbero apresenta as Matrizes Culturais como manifestações sociais e políticas que constituem as identidades que representam a “razão de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários [...] um modo próprio de perceber e narrar, contar e dar conta”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.262).

Os ambientes virtuais de aprendizagem do curso estudado estavam repletos de narrativas, era necessário olhar a partir de outra perspectiva. Corroborou Souza (2006) ao apresentar a narrativa como importante documento de investigação, pois

Por sua característica imediata, a informação só tem valor no momento em que é nova (BENJAMIN, 1996: 203) enquanto que a narrativa conserva suas forças e depois de muito tempo é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1996: 203), sendo portadora de uma temporalidade e de uma vivacidade diferenciadas, portanto muito mais duradouras. Sendo ela mesma uma forma artesanal de comunicação, não se interessa em transmitir os acontecimentos com a pureza e a objetividade de dados, como faz a informação. Ao contrário disso, ela é embebida de pessoalidade, trazendo em si a marca de seu narrador. (SOUZA, 2006, p.11)

Essa pessoalidade é reconhecida por marcas deixadas na produção das narrativas, também é marcada pelas relações cotidianas e pela cultura à qual está inserida. Nas relações cotidianas somos envolvidos pelos formatos industriais que são materializados por meio da música, imagens, textos, entre outras, e, por meio destes transitam múltiplas as vozes que vão dos movimentos sociais aos discursos oficiais, construindo a base do pensamento, da identidade, enfim, do discurso.

Foram quatro as mediações pelas quais pude analisar as os registros e narrativas dos cursistas: a socialidade, a institucionalidade, a ritualidade e a tecnicidade.

A socialidade, como a mediação, trouxe a trama de relações possíveis entre as pessoas quando se unem por um mesmo propósito, “é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis* comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.256).

As relações entre as pessoas acontecia por meio da linguagem e, na perspectiva de Bakhtin (2002, p.82) ocorria por uma troca de diferentes conhecimentos, o que chamou de “*plurilinguismo* dialogizado”, encontro de diversas vozes sociais numa comunicação discursiva. Dessa forma, em seus diferentes estatutos sociais, cada pessoa vivencia as situações comunicativas das esferas em que circula, como a profissional, familiar, religiosa, etc. e na fronteira entre estas diferentes vozes há um jogo de forças que molda o discurso, são as forças centrípetas e centrífugas.

As forças centrífugas representam o conjunto de múltiplas vozes sociais (plurilinguismo) por meio das quais se constrói as deduções e, por isso, as palavras, que não são neutras, mas carregadas de ideologia e de valores, em uma dada interação evidenciam as posições dos interlocutores frente a esses valores sociais. Estas são sempre as forças desestabilizadoras de um discurso posto, formam-se no diálogo como sua réplica viva.

As forças centrípetas são, por sua vez, o contrário. São unificadoras e tendem a apagar as outras vozes sociais que compõem os enunciados, representam a voz institucional, que tende à homogeneização dos discursos impondo sua hegemonia (BAKHTIN, 2002, apud NICACIO, 2016, p.54).

Nessa mediação evidenciou-se e distinguiu-se as vozes dos cursistas das vozes oficiais e nestas, os momentos de resistência, imposição, alienação e entrega.

Outra mediação, a institucionalidade é a materialização do discurso institucional e seus interesses. Por meio do discurso os interesses são apresentados e nele reconhece-se a apropriação e, como resposta, a resistência. Essa mediação estava presente em todo material produzido e na instituição contratada para a realização do curso. Evidenciou-se as ideologias, o pensamento do interlocutor, no caso, a instituição.

Todo texto (no caso, os materiais de estudo) é escrito com palavras que descrevem o pensamento de seus autores e o lugar de onde falam, ou seja, há intenções (nunca neutras) que se evidenciam ao longo das análises. Além disso, um texto é sempre reconstruído por seu leitor, há um campo metodológico que vai surgindo em meio a “certas regras (ou contra certas regras)” e, assim, refaz-se numa “travessia” que se constrói da origem ao destino, imprimindo aos leitores seus valores e ideologias. (BARTHES, 2012, p.67)

Tendo em vista as diferenças pessoais entre os cursistas, não se pode afirmar que houve uma leitura, mas leituras foram realizadas e em cada uma imprimiu-se um novo sentido que se materializou nos registros escritos no fórum. As palavras vão tecendo as ideias nas regras da língua, mas deixam marcas das intenções e concepções; apropriação e resistência, mapeando

todo percurso de estudos. A institucionalidade foi a mediação que marcou o território da formação política de uma escola de governo aos profissionais da educação.

A terceira mediação analisada foram as ritualidades que, na perspectiva de Martín-Barbero (2009) representam “o modo de construção de sentido que sustenta a comunicação, são diferentes ritmos e formas com que se constituem as ‘gramáticas da ação’ e do ler que ‘regulam as interações entre os espaços e tempos do cotidiano’. (MARTÍN-BARBERO, 2009, apud NICACIO, 2016, p. 58)

Essa mediação nos alerta às diferentes formas pelas quais o leitor interage com o texto e, para além do processo de reconhecimento do escrito, devemos deslocar a atenção para conhecer como a lógica de produção atinge as competências de recepção, o que é possível na análise da travessia.

Esses trajetos vão se constituindo ao longo das experiências vividas, dessa forma, impregnados do capital cultural e pelo diferentes usos sociais das mídias. Martín-Barbero (2009) ao dialogar com os conceitos de Bourdieu (2004;2007) o leitor com seu capital cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado) às leituras que lhe são oferecidas, entendendo que o ato de ler é , também uma trajetória singular. (NICACIO, 2016, p.102)

O leitor torna-se, dessa maneira, o lugar onde a multiplicidade cultural acontece, pois cada um está num tempo e lugar diferente, mesmo diante da relação leitor e leitura.

Na pesquisa cartografou-se como os cursistas podem ter conduzido seus modos de ler, no entanto, não foram as únicas referências utilizadas. Tendo observado a multiplicidade de relações que os documentos apresentavam, buscou-se identificar, no discurso, algumas evidências da interiorização ou não, das ideias e conteúdos trazidos pela leitura.

Esta mediação apresenta-se como um território movediço, pois nem sempre os discursos tornam claros os modos de ler do leitor, mas, considerou-se que quaisquer evidências seriam importantes na construção do percurso dessa formação.

E, finalmente, a mediação da tecnicidade que interfere diretamente nos modos de pensar e agir com os conteúdos diversos. Para Martín-Barbero, entre a lógica de produção e os formatos industriais está a tecnicidade e, por isso, a força da mídia, as linguagens híbridas remetem a novas formas de percepção da linguagem, modificando o estatuto cognitivo e as relações com os processos simbólicos. (MARTÍN-BARBERO, 2004)

Pela tecnicidade foi possível compreender as limitações que um ambiente virtual apresenta, tanto na sua arquitetura, quanto na concepção de aprendizagem e nas formas como

os conteúdos eram apresentados. Ficou evidente a oposição, tendo de um lado as limitações do ambiente apresentada pelos cursistas e a readequação da instituição com vistas a não perder o vínculo formativo, dessa forma pude compreender aspectos da evasão dos cursos a distância.

A cartografia, como proposta metodológica requer do pesquisador uma percepção acurada do sujeito e do objeto de investigação, identificando as relações e separando o que é relevante - em grau de relevância - para construir o fio condutor da análise e ainda cumprir com as exigências da pesquisa. Cada parte identificada precisa se articular ao todo, pois objetivava-se a integralidade das relações.

As relações, expressas por meio de narrativas encontradas nos fóruns e pela linguagem dos diferentes materiais, precisavam ser desveladas e as mediações propostas por Martín-Barbero tornou possível conhecer aspectos da formação realizada pela escola de governo aos servidores da educação pública paulista que, por outros caminhos não seria possível.

Ao final desse longo percurso de estudos e pesquisa compreendi que se faz necessário romper com certas amarras que as visões - positivista e cartesiana - produziram em mim durante minhas experiências como pesquisadora e na própria ciência. Tal qual Boaventura Souza Santos (2010) creio ser por meio do conhecimento que as experiências sociais – entendendo-as sempre como políticas e culturais - tornam-se inteligíveis e intencionais, por isso, torná-las visíveis é dar origem a diferentes epistemologias.

A pesquisa qualitativa abriu novos caminhos ao conhecimento e precisamos ampliá-lo cada vez mais, socializando e atualizando a nossa concepção de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 439 p.
- _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. 462 p.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.7-26, jan. 2005. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/7/7>>. Acesso em: 21 jan. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pasqualinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 324 p.
- _____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004. 87 p.



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 102 p.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. 506 p.
- LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: 34, 2011.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004. 478 p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ufrj, 2009. 356 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p.2-12, abr. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>>. Acesso em: 12 dez. 2017
- NICACIO, Rosemary Trabold. **Formação de Supervisores de Ensino no Estado de São Paulo**: Cartografia do Curso Gestão de Redes Públicas. 2016. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2016.
- PIETTRE, Bernard. *Vérité et sens*. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.27-72, abr. 2005. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/8/8>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 638 p.
- SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para integração. **Ciência e Saúde Coletiva**, Ceará, v. 1, n. 5, p.187-192, Não é um mês válido! 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7089.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 638 p.
- SILVA, Paulo Cunha e. **O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal**. Lisboa, Portugal: Universidade do Porto, 1995. 234 p.
- SOUZA, Antonio Carlos Carreira de; SOUZA, Carla Delgado de. **Narrativas da Modernidade**. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.1-13, ago. 2006. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/14/14>>. Acesso em: 24 jan. 2018.